

**PARA UM ESTUDO DO REALISMO NO ROMANCE *EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO*****FOR AN STUDY OF THE REALISM IN PROUST'S NOVEL *IN SEARCH OF LOST TIME***Alexandre Bebiano de Almeida<sup>1</sup>

**RESUMO:** Por meio de uma reconstituição do impacto do caso Dreyfus na trajetória das personagens de *Em busca do tempo perdido*, este artigo busca esclarecer o papel desempenhado pelo evento político na composição do romance de Proust. O caso representa, segundo o narrador, um “movimento vertiginoso e inesperado da História” e conduz a uma inversão dos costumes e da sociedade: “tudo o que era judeu, até a elegante senhora, foi lançado para baixo, e obscuros nacionalistas subiram para pegar sua posição”. Acreditando que a experiência política do caso concorre para a construção das personagens e, até mesmo, do narrador, tentamos determinar a importância do caso Dreyfus para o romance de Proust.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura e história; Marcel Proust; caso Dreyfus.

**ABSTRACT:** This article aims to discuss the role of the Dreyfus affair in the composition of Proust's novel, *In search of lost time*, through a reconstitution of the event impact on the characters. As the narrator says, the affair represents “a deep and unexpected historical change” and leads to an inversion of society's customs: “everything Jewish, even the elegant lady herself, went down, and various obscure nationalists rose to take its place”. Considering that the political experience of the Affair determines the characters construction, and even the narrator's, we try to demonstrate the importance of this historical event to Proust's novel.

**KEYWORDS:** Literature and history; Marcel Proust; the Dreyfus affair.

### 1. Introdução

Não é habitual vermos relacionados em estudos de teoria literária o romance de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*<sup>2</sup>, e a História. Contribui para isso a própria organização do romance, elaborado à distância do romance histórico ou realista. Seu primeiro parágrafo apresenta um narrador na primeira pessoa, não a contar as aventuras de seu cotidiano, mas a descrever seus sonhos e os momentos que antecedem seu sono. As mais de três mil páginas que

<sup>1</sup> Doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Endereço eletrônico: [bebiano@usp.br](mailto:bebiano@usp.br)

<sup>2</sup> Doravante chamado simplesmente como *Recherche*. A fim de facilitar a localização das citações do romance, as citações entre parênteses no corpo do texto fazem referência a seus volumes de maneira abreviada: *À l'ombre de jeunes filles en fleur* (JF); *Le Côté de Guermantes* (CG); *Sodome et Gomorrhe* (SG); *La Prisonnière* (LP); *Le Temps retrouvé* (TR). As traduções dos trechos do romance foram extraídas da edição da Globo, mas, no caso de indicação expressa, foram modificadas para corresponderem mais perfeitamente à edição mais recente que utilizamos da *Recherche*. As demais traduções são de responsabilidade do autor do artigo.

se seguem contam as peripécias dessa personagem para se tornar o autor da própria obra que lemos. Nessa linha, a *Recherche* pode se assemelhar a uma autobiografia ou, mais exatamente, às memórias de um escritor buscando descrever a descoberta de sua vocação. No fim (os primeiros episódios representados datam aproximadamente de 1870 e os últimos, de 1920), quando toma a decisão de escrever a obra a que há muito aspirava, o narrador-protagonista assinala não possuir nenhum apego pelas teorias literárias realistas surgidas com o caso Dreyfus:

Je sentais que je n'aurais pas à m'embarrasser des diverses théories littéraires qui m'avaient un moment troublé – notamment celles que la critique avait développées au moment de l'affaire Dreyfus et avait reprises pendant la guerre, et qui tendaient à “faire sortir l'artiste de sa tour d'ivoire” et à traiter de sujets non frivoles ni sentimentaux, mais peignant de grands mouvements ouvriers et à défaut de doules à tout le moins non plus d'insignifiants oisifs (...) mais de nobles intellectuels, ou des héros. (TR, p. 273).<sup>3</sup>

O caso, de resto, seria raramente abordado de maneira direta pelo narrador ao longo do romance. Na maior parte das vezes, ele é evocado por meio de falas das personagens, e o narrador então contenta-se com algumas frases digressivas, com o intuito de descrever algum fato importante para o entendimento de seu desenrolar. Isso é o que reconhece, por exemplo, um grande estudioso da *Recherche*, Jean-Yves Tadié, quando diz que, ao contrário do que acontece no romance *Jean Santeuil*, obra inacabada e jamais publicada por Proust, em que as circunstâncias relacionadas ao caso Dreyfus ocupavam um grande espaço:

na *Recherche*, à medida que o papel do narrador se torna mínimo, o caso é descrito somente por seus reflexos, tal como o vêem as diversas personagens, e pela influência que ele tem sobre o comportamento delas; não é mais uma lembrança, é um evento romanesco; ele não age mais sobre a face dos homens, mas sobre a de personagens. E Proust, entusiasmado dreyfusista, apagou-se. (1971, p. 26)

Isso dito, por que estudar o caso Dreyfus no romance de Proust? Este artigo tenta mostrar que, ao contrário do que uma primeira impressão pode sugerir, esse evento histórico ocupa uma posição importante na *Recherche*. Diga-se, desde logo, que Proust jamais tomou como indigna de estima a política ou, particularmente, a crise que foi desencadeada pela condenação do oficial de origem judia, devido à denúncia de espionagem, e que configurou um dos momentos decisivos dos primeiros anos da III República. Pelo contrário, vamos encontrar Proust na década

<sup>3</sup> “Sentia que não deveria me preocupar com as diversas teorias literárias que, por um momento, tinham me perturbado — notadamente as desenvolvidas pela crítica durante a questão Dreyfus e retomadas durante a guerra e que tendiam a ‘fazer o artista sair da torre de marfim’, a não tratar de assuntos frívolos ou sentimentais, mas pintar grandes movimentos operários e, em falta de massas, ao menos nunca ociosos insignificantes (...), mas nobres intelectuais, ou heróis.” (trad., p. 160)

de 1890 junto às fileiras dos que, desde a primeira hora da explosão do caso, tomaram a defesa de Dreyfus e reclamaram a revisão do processo (TADIÉ, 1971, p. 26)

De uma posição discreta no romance não podemos deduzir que o que o caso tenha um papel desimportante em sua narrativa. A bem dizer, esta parece reservar ao caso funções não só consideráveis, mas verdadeiramente complicadas de serem descritas, visto que sua descrição parece pedir um leitor atento, aplicado, disposto a amarrar os fios que compõem as tramas intrincadas da *Recherche*. Isso seria o resultado do realismo complicado e crítico desenvolvido pelo romance de Proust. Esse realismo, de acordo com Antonio Candido, seria constituído de uma série de fragmentos, de sorte que, somente ao amarrarmos os pontos esparsos, tal “como números ligados pela ponta do lápis vão delineando uma figura nos livros infantis” (2001, p. 128), vamos obter uma imagem da realidade.

Se tentarmos resumir de maneira didática os papéis que o caso Dreyfus desempenha na composição da *Recherche* para que possamos analisá-los um a um — e podemos recorrer para a determinação deles a estudos como os de Carassus (1971), Hassine (1998) e Bouillaguet (1998, 2000) —, vamos ver que o caso é utilizado no romance para: representar de maneira emblemática uma sociedade; desmascarar signos sociais deste universo; e indicar o escoamento inflexível do tempo. É quase desnecessário dizer que esses motivos não aparecem jamais representados separadamente no tecido narrativo e que apenas o esforço de análise pode recortá-los do interior do movimento que anima a vasta matéria do romance. Mas, antes de passarmos a limpo cada um deles, vale a pena examinar, sob o ângulo das divergências entre representação literária e histórica, aqueles estudos franceses citados, cujo objeto de análise foram justamente as dimensões que o caso possui na obra de Proust.

## 2. Acertos e desacertos

Um dos primeiros estudos sobre a presença do caso Dreyfus no romance de Proust é o de Emilien Carassus, “L’Affaire Dreyfus et l’espace romanesque” (1971). O autor deste importante artigo (a cujas análises voltaremos a fazer referência no tópico da passagem do tempo e do esquecimento) propõe-se a analisar as mudanças ocorridas no tratamento do caso desde *Jean Santeuil* até a *Recherche*. Resumindo a tese de Carassus, pode-se dizer que o caso Dreyfus passa a ocupar um espaço menor do que ele possuía em *Jean Santeuil* em virtude das conseqüências da introdução de uma técnica: o eu-unificador da *Recherche*. Ao contrário do primeiro romance de

Proust, cuja construção se dá a partir de um narrador na terceira pessoa e em cujo enredo a crise política aparecia sobreposta às investigações estéticas do protagonista, o eu-unificador da *Recherche* subordina o caso político ao conjunto das experiências de Marcel; Carassus lembra isso quando diz: “O caso tem seu lugar, assim, nesse vasto conjunto de paixões e de ilusões por meio do qual Proust mostra toda a potência da subjetividade” (1971, p. 849). E o autor continua: “o caso é levado nesse mesmo vórtice e nesse mesmo movimento que na abertura da obra arrasta as horas e os quartos numa vertigem mental” (1971, p. 849). Do emprego desta técnica unificadora — um imperativo, uma necessidade estética, a julgar por Carassus — deriva a diminuição do espaço reservado ao caso, como também certo caráter neutro da narrativa da *Recherche*: o emprego do eu-unificador, “o verniz a unificar os mestres” (1971, p. 856), impede que o autor tome um partido político explícito em sua criação artística.

Insistindo no aspecto fragmentário e heterogêneo do romance proustiano, e indo de encontro às teses do artigo de Carassus, outra estudiosa da obra de Proust, Juliette Hassine (1998), considera que a *Recherche* denuncia de maneira virulenta as atitudes que, desde sua primeira hora, o caso Dreyfus suscitou. Para comprovar seus argumentos, a autora cita a noite na qual o protagonista encontra-se com Saint-Loup para jantarem num restaurante freqüentado, a um só tempo, por nobres e dreyfusistas, mas onde cada um desses grupos ocupa sua própria sala. Enquanto observa Saint-Loup a seu lado, o narrador-protagonista se lança à seguinte comparação entre os judeus não-assimilados às rodas mundanas e os nobres como a senhora de Marsantes:

Pour les Juifs en particulier, il en était peu dont les parents n’eussent une générosité de cœur, une largeur d’esprit, une sincérité, à côté desquelles la mère de Saint-Loup et le duc de Guermantes ne fissent piètre figure morale par leur sécheresse, leur religiosité superficielle qui ne flétrissait que les scandales, et leur apologie d’un christianisme aboutissant infailliblement (par les voies imprévues de l’intelligence uniquement prisee) à un colossal mariage d’argent. (CG II, p. 160)<sup>4</sup>

Para Hassine, o narrador proustiano nitidamente toma aqui o partido dos judeus contra os nobres, cujos rígidos padrões de gosto e de comportamento servem apenas para arranjar um rico casamento para seus descendentes (lembramos que, quando Gilberte se tornar herdeira de uma grande fortuna, Saint-Loup esposará a filha de Odette e de Swann). Nesse sentido, o narrador não é uma testemunha neutra, interessada unicamente no acabamento perfeito da

<sup>4</sup> “No que se refere particularmente aos Judeus, poucos havia entre eles cujos parentes não tivessem uma generosidade de coração, uma largueza de espírito, uma sinceridade, ao lado das quais a mãe de Saint-Loup e o duque de Guermantes fariam um triste papel moral por sua secura, por sua religiosidade superficial que somente censurava os escândalos e por sua apologia de um cristianismo que conduzia infalivelmente (pelas vias imprevisíveis da estima exclusiva da inteligência) a um colossal casamento de conveniência.” (trad., p. 368, modificada)

criação estética; em meio às demais vozes do romance, em meio ao “verniz a unificar os mestres”, sua voz, conjugando ironia e crítica social, irrompe para tomar um partido. Hassine afirma que o caso Dreyfus configura uma espécie de calcanhar de Aquiles daqueles que tentam unificar a *Recherche* num todo coerente e fechado esteticamente, uma vez que o caso, especialmente pelo intermédio de um Swann partidário radical de Dreyfus, jamais poderia ser tomado como algo assente ou que participa apenas do passado; é o que a própria autora conclui quando afirma: “como na *Recherche* a História não foi possuída pela Arte, o caso Dreyfus permanece, no que diz respeito a Proust e à Escritura, um caso sem solução, portanto, inacabado” (1998, p. 257).

Num artigo publicado em 1998, “Marcel Proust devant l’Affaire Dreyfus” (1998), assim como nas páginas finais de seu livro *Proust lecteur de Balzac et de Flaubert* (2000), Annick Bouillaguet retoma o problema. Por meio de um exame da correspondência de Proust, ela chega a conclusões que vão de encontro ao lugar-comum, criado pelos biógrafos, de que o autor da *Recherche* seria um partidário fervoroso de Dreyfus: “em 1899, Proust acha-se do lado dos moderados” (1998, p. 34). Seu verdadeiro engajamento, de acordo com Bouillaguet, não se dá durante o movimento de revisão do processo, isto é, na época em que Dreyfus era o representante vivo de uma injustiça cometida pelo Estado.

Seu verdadeiro engajamento aparecerá quinze anos mais tarde — quando muitos entusiasmos já tinham enfraquecido — na época da maturidade: é o da escrita, única atividade social e pessoal que, para ele, verdadeiramente contava. Ele é um dos raros grandes escritores que deu ao caso Dreyfus uma posterioridade literária. É à leitura de um acontecimento que profundamente marcou sua época que nós somos convidados no romance. (1998, p. 35)

Dito que o verdadeiro engajamento de Proust se manifesta em sua criação literária, particularmente em seu impulso de incorporar o caso Dreyfus à escrita de seu romance, Bouillaguet chama nossa atenção para um papel importante do caso na economia narrativa do romance: a de desmascarador social (1998, p. 37). O caso tem um papel importante no desvendamento dos signos mundanos; ele seria um dos princípios pelos quais podemos interpretar o comportamento da personagens, especialmente o dos mundanos e dos esnobes. Analisando a conversa no salão da senhora de Villeparisis, na qual o caso Dreyfus é discutido por Bloch, Norpois e pelos demais presentes, a pesquisadora chega à conclusão de que a multiplicidade de vozes, somada ao papel reduzido da voz do narrador, permite que sejam representadas — ou dramatizadas — diversas posições quanto ao caso, e que o narrador seja dispensado de tomar um partido. Assim, Bouillaguet pode dizer que “nenhuma narração

monológica vem aqui resumir, *a posteriori*, os acontecimentos” (1998, p. 39). E conclui: “O que interessa a Proust é refletir o acontecimento em sua total polifonia — ou cacofonia, em parte, explicável pelas determinações psicológicas subterrâneas que presidem às escolhas políticas” (1998, p. 39). Nesse sentido, o caso jamais é apresentado sob um olhar unívoco no discurso da *Recherche* e serve, sobretudo, para desmascarar ilusões psicológicas, as máscaras, que as personagens trazem consigo.

A pesquisadora não renuncia à tese de Carassus de que os julgamentos sobre o caso Dreyfus representados no romance de Proust, as opiniões favoráveis ou contrárias ao militar de origem judia, fazem parte apenas do domínio da história, e não da estética: assim, o caso é incorporado ao romance de Proust de uma maneira estilizada ou sublimada. Conforme diz a autora, “era, sem dúvida, unicamente a esse preço que a obra de arte podia acolhê-lo e dar-lhe a eternidade concernente somente a ela” (1998, p. 40). A julgar por Bouillaguet, o autor da *Recherche* não pretende representar em seu romance experiências sociais, mas apenas o “espírito” do passado (2000, p. 192). Sob esse ponto de vista, o romance é uma “história das impressões” outrora experimentadas pelo narrador (2000, p. 192), que se serve do caso Dreyfus apenas como um “efeito de sugestão da realidade” (2000, p. 191). Parece certo que o caso evoca diretamente o clima político do começo da III República.<sup>5</sup>

### 3. *A Ilusão do pensador*

Dispostos a analisar aqui cada um dos papéis que o caso desempenha na *Recherche*, vamos chamar atenção, primeiramente, para esta função de desmascarador social, para, em seguida, vermos de que maneira o caso pode servir também para representar a sociedade mundana e a passagem do tempo. À primeira vista, o caso Dreyfus, à semelhança do amor, é, para o narrador-protagonista da *Recherche*, uma daquelas fontes inesgotáveis de ilusões sociais e de mal-entendidos mundanos. À maneira dos juízos amorosos ou estéticos, nossos juízos sobre o caso seriam sempre parciais, incompletos e, mesmo, equivocados, não só porque jamais abarcamos todas as virtualidades no espaço e no tempo daquilo que queremos compreender e nos limitamos, assim, a apenas um dos seus aspectos, como também porque nossos juízos seriam sempre guiados por impulsos inconscientes estranhos à nossa inteligência. O narrador sugere isso quando indaga se a

<sup>5</sup> É de notar que, em 1971, numa pequena nota sobre a *Recherche*, o crítico Roland Barthes já reconhecia que “a obra de Proust é mais sociológica do que se diz: ela descreve com exatidão a gramática da promoção, da mobilidade das classes” (BARTHES, 1980, p. 37).

posição de um ardoroso revisionista seria guiada pela inteligência, como o defensor de Dreyfus quer fazer crer, ou por uma razão inconsciente:

Quand les systèmes philosophiques qui contiennent le plus de vérité sont dictés à leurs auteurs, en dernière analyse, par une raison de sentiment, comment supposer que dans une simple affaire politique comme l'affaire Dreyfus, des raisons de ce genre ne puissent, à l'insu du raisonneur, gouverner sa raison. (CG I, p. 393-394)<sup>6</sup>

Note-se que o narrador, em nenhum momento, pretende defender uma espécie de determinismo e negar a liberdade de que a razão humana goza; ele pretende apenas salientar a heteronomia do pensamento: o trabalho livre da razão parece obedecer a princípios que ela própria não determinou e que seriam estranhos a ela. Sob essa perspectiva, o caso deve ser avaliado como qualquer outro problema de nossa realidade. Isso significa que a verdade política não pode ser extraída diretamente de evidências da realidade; pelo contrário: ela somente poderá ser reconstituída por um longo e difícil trabalho de interpretação desses índices. Para tornar mais concreto essa idéia, podemos lembrar uma discussão travada entre o mordomo da família do protagonista e o da casa dos Guermantes, uma “réplica divertida e cruel”, a julgar pelo narrador, das discussões travadas entre os intelectuais nas mais altas esferas da sociedade. Nessa discussão, o mordomo do protagonista, mesmo sendo partidário de Dreyfus, sugere a culpa do militar de origem judia, ao passo que o mordomo dos Guermantes, embora seja contrário à causa de Dreyfus, defende a inocência dele. De que maneira explicar tamanho quiproquó, senão, segundo o narrador, “por maldade e encarniçamento” da discussão?

Notre maître d'hôtel, incertain si la révision se ferait, voulait d'avance, pour le cas d'un échec, ôter au maître d'hôtel des Guermantes la joie de croire une juste cause battue. Le maître d'hôtel des Guermantes pensait qu'en cas de refus de la révision, le nôtre serait plus ennuyé de voir maintenir à l'île du Diable un innocent. (CG I, p. 394)<sup>7</sup>

Assim é que o dreyfusista defende a culpa de Dreyfus para que não seja humilhado, mais tarde, no caso de uma derrota do movimento revisionista, ao passo que o antidreyfusista prefere acreditar na inocência de Dreyfus para, no caso de uma derrota do movimento, ver ainda mais humilhados os partidários da revisão do processo. O que concluir dessa discussão desencontrada

<sup>6</sup> “Quando os sistemas filosóficos que contêm mais verdade são ditados a seus autores, em última análise, por uma razão de sentimento, como supor que numa simples questão política, como a questão Dreyfus, razões desse gênero não possam, sem que o saiba o raciocinador, governar-lhe a razão?” (trad., p. 266)

<sup>7</sup> “O nosso mordomo, na incerteza de que a revisão se efetuará, queria previamente, para o caso de uma derrota, tirar ao mordomo dos Guermantes a alegria de julgar uma causa justa batida. O mordomo dos Guermantes pensava que, no caso de recusa da revisão, ficaria o nosso mais aborrecido ao ver conservarem um inocente na ilha do Diabo.” (trad., p. 267)



entre os dois mordomos? Eis aí o argumento sugerido: haveria mais razões para nos orientar no céu e na terra do que pode imaginar a ingênua filosofia.

#### 4. *O tempo e suas inscrições*

Não só para desmascarar ilusões psicológicas o narrador parece se valer do caso. Ele se serve do motivo para tornar concreto também um aspecto importante de sua construção artística: o efeito da passagem do tempo sobre os homens e sobre a sociedade. Com efeito, o evento serve como um exemplo de um movimento radical e vertiginoso no interior da sociedade freqüentada pelo protagonista, um movimento da História capaz de provocar viravoltas surpreendentes nas personagens: suas próprias personalidades revelam-se, à medida que o tempo escoia e as páginas do romance se avolumam, transitórias, volúveis, passageiras. A evocação do caso, objeto de paixões ardorosas em uma época e vítima do esquecimento em outra, serve para mostrar de que maneira o caráter das personagens é atingido de maneira extraordinária pelo tempo. Enfim, o caso Dreyfus constitui um elemento importante da fatura artística do romance pelo fato de que, por meio de sua evocação, o narrador parece sugerir tanto a passagem do tempo — para o próprio professor universitário Brichot, o caso Dreyfus faz parte em 1920 de tempos “pré-históricos” (TR, p. 94; trad., p. 38) — quanto a corrosão do caráter das personagens.

Au temps de ma petite enfance, tout ce qui appartenait à la société conservatrice était mondain, et dans un salon bien posé on n'eût pas pu recevoir un républicain. Les personnes qui vivaient dans un tel milieu s'imaginaient que l'impossibilité de jamais inviter un “opportuniste”, à plus forte raison un affreux “radical”, était une chose qui durerait toujours, comme les lampes à huile et les omnibus à chevaux. Mais pareille aux kaléidoscopes qui tournent de temps en temps, la société place successivement de façon différente des éléments qu'on avait cru immuables et compose une autre figure. (...) Ces dispositions nouvelles du kaléidoscope sont produites par ce qu'un philosophe appellerait un changement de critère. L'affaire Dreyfus en amena un nouveau, à une époque un peu postérieure à celle où je commençais à aller chez Mme Swann, et le kaléidoscope renversa une fois de plus ses petits losanges colorés. Tout ce qui était juif passa en bas, fût-ce la dame élégante, et des nationalistes obscurs montèrent prendre sa place. Le salon le plus brillant de Paris fut celui d'un prince autrichien et ultra-catholique. Qu'au lieu de l'affaire Dreyfus il fût survenu une guerre avec l'Allemagne, le tour du kaléidoscope se fût produit dans un autre sens. (JF I, p. 184-5)<sup>8</sup>

<sup>8</sup> “Na minha infância, tudo o que tinha relação com a sociedade conservadora era mundano, e num salão bem posto não se poderia receber um republicano. As pessoas que viviam em tal meio imaginavam que a impossibilidade de convidar um ‘oportuniste’ e, com mais fortes razões, um horrível ‘radical’ era uma coisa que duraria para sempre, como os lampiões de azeite e os ônibus a cavalo. Mas, semelhantes aos caleidoscópios que giram de tempos em



De acordo com esta passagem, o caso Dreyfus acarreta uma mudança na sociedade freqüentada pelo narrador-personagem; ou ainda, à semelhança do efeito de um giro de um caleidoscópio, o caso Dreyfus se encarrega de reorganizar essa sociedade sob novos critérios, a saber, “Tudo quanto era judeu passou para baixo, até a elegante dama, e nacionalistas obscuros subiram para ocupar seu lugar”. É o caso de lembrar que o enredo do romance de Proust se divide, de início, entre dois mundos bem distintos (e que parecem se tocar apenas de maneira imprevista neste primeiro momento): de um lado, a ascendência e o brilhantismo do espírito Guermantes representado pelos nobres; de outro, o espírito estreito e vulgar dos burgueses representados pelo salão da senhora Verdurin. Contudo, no fim do romance, vemos que estes dois mundos, tão distintos inicialmente, juntam-se para estabelecer um mundo comum, ordinário e esnobe, representado pelo casamento da senhora Verdurin com o príncipe de Guermantes. Assim, no tempo de infância do narrador, todos aqueles que participam da sociedade são mundanos e jamais recebem radicais. A crise política desencadeada pelo caso Dreyfus vincula-se a esse espírito conservador contrário a judeus, radicais e republicanos, próprio da sociedade mundana. Durante o caso Dreyfus, o salão mais brilhante não foi o de um mundano liberal e ligado às artes, mas o de um príncipe austríaco ultra-católico, o príncipe de Guermantes. É esta gente conservadora e mundana que nutre a crença de que a rigidez dos salões é uma coisa que durará para sempre “como as lâmpadas à gás e os ônibus de tração animal” e que o tempo jamais os alcançará em suas convicções, gostos, costumes; eles jamais concebem, portanto, uma revolução no tempo capaz de fazer com que os radicais sejam recebidos em salões elegantes, e os oportunistas de outrora sejam considerados velhos mundanos. A reforma geral dessa sociedade se liga, em boa parte, ao caso Dreyfus. Vejamos de que maneira.

##### 5. *No caminho dos Guermantes*

As opiniões dos Guermantes sobre o caso não deixam de ser curiosas: todos eles parecem manter sua opinião contrária à campanha revisionista mais por força da sociedade que

---

tempos, a sociedade coloca sucessivamente de modo diverso elementos que se supunham imutáveis e compõe uma nova figura. (...) Essas novas disposições do caleidoscópio são produzidas pelo que um filósofo chamaria de mudança de critério. O caso Dreyfus trouxe uma nova mudança, em época um pouco posterior àquela em que eu começava a freqüentar a casa da senhora Swann, e o caleidoscópio inverteu uma vez mais seus pequenos losangos coloridos. Tudo quanto era judeu passou para baixo, até a elegante dama, e nacionalistas obscuros subiram para ocupar seu lugar. O salão mais brilhante de Paris foi o de um príncipe austríaco e ultracatólico. Se, em vez do caso Dreyfus, sobreviesse uma guerra com a Alemanha, noutro sentido se efetuaría o giro do caleidoscópio.” (trad., p. 84, modificada)

eles freqüentam e na qual são, de certa forma, os astros modelares, do que por convicções íntimas. É o que parece sugerir a duquesa quando, nos tempos do auge do caso, proclama-se antidreyfusista, mesmo acreditando na inocência de Dreyfus (CG II, p. 235; trad., p. 427), ou ainda, quando, junto ao salão ultra-católico do príncipe, teme apertar a mão de Swann, um amigo que ela acabara de receber em sua casa, bem como alardeia aos presentes, por meio de seu marido, sua decepção com relação a esse seu amigo: ela e o duque jamais poderiam imaginar que um homem mundano como Swann, recebido pelos Guermantes e por nobres de toda a Europa com tanta cordialidade e gratidão, poderia traí-los revelando-se um *partisan* de Dreyfus (SG I, p. 150; trad. 83-4). Como se vê, aos olhos do duque e da duquesa, tomar partido no caso não é uma questão relativa a ideais como justiça e igualdade, mas uma maneira de se comportar em sociedade. Assim, três semanas depois, conta-nos o narrador, o duque, sempre atirado às mulheres, pode se converter à causa de Dreyfus, não pelo impulso de suas convicções, mas pelo impulso de três damas charmosas, uma princesa italiana e suas duas cunhadas, a quem ele fazia a corte durante uma passagem numa estação balneária (SG I, p. 217-8; trad., p. 139). Mas, dois anos depois de encerrado o caso, vamos voltar a ver o duque de Guermantes rendido ao antidreyfusismo. É que no momento da eleição do presidente do Jockey Club, sob as acusações de que sua mulher seria dreyfusista e de que os Guermantes teriam origens alemãs, o duque será preterido por um outro membro, menos mundano e mais apagado socialmente: o senhor de Chaussepierre. Devido a essa eleição, Basin não podia mais ouvir falar de Dreyfus sem se lembrar de que o caso tinha causado “tantas desgraças para a França”, embora, tal como reconhece o narrador, “ele fosse sensível realmente a apenas uma: a perda da presidência do Jockey” (LP, p. 131; trad., p. 37).

Essa disposição volúvel quanto ao caso vamos também encontrar em outro Guermantes, o marquês de Saint-Loup. A personagem aparece de início como uma pessoa inclinada, não à força das ações, mas a das idéias. Em seu primeiro encontro com o protagonista, em Balbec, ele se declara contrário aos valores aristocráticos representados por sua família e inclinado a passar horas estudando Proudhon. “C’était un de ces ‘intellectuels’ prompts à l’admiration qui s’enferment dans un livre, soucieux seulement de la haute pensée” (JF II, p. 109).<sup>9</sup> Para o assombro de Françoise, a criada responsável pelos serviços domésticos da família do protagonista, o marquês declara-se mesmo republicano (JF II, p. 161; trad., 315). Assim,

<sup>9</sup> “Era um desses ‘intelectuais’ prontos à admiração, que se encerram num livro, preocupados somente com o alto pensamento.” (trad., p. 273, modificada)

contrariando a grande maioria de seus amigos de regimento, ele acredita que houve um erro no julgamento de Dreyfus e mostra-se partidário da revisão do caso (CG I, p. 180; trad., p. 94). Contudo, mais tarde, depois que Saint-Loup rompe com sua amante devido a pressões familiares, vamos encontrá-lo, em meio à recepção do príncipe de Guermantes, inteiramente curado dos males da idealização da literatura e do amor, tal como explica o narrador:

En réalité l'amour de Robert pour les Lettres n'avait rien de profond, n'émanait pas de sa vraie nature, il n'était qu'un dérivé de son amour pour Rachel, et il s'était effacé avec celui-ci (...). (SG I, p. 169)<sup>10</sup>

Nesse momento, ficamos sabendo que Saint-Loup não é mais um *dreyfusard*. Para espanto de Swann e do protagonista, que o convidam a discutir a campanha revisionista, o marquês declara-se arrependido de ter um dia participado deste movimento e proclama-se “um soldado, e antes de tudo para o exército” (SG I, p. 171; trad., p. 102), abandonando sem mais a personagem de origem judia com o protagonista. Essa não será a última das reviravoltas da personagem (que se revelará um descendente de Sodoma no penúltimo volume da *Recherche*), mas, sem dúvida, é uma daquelas capazes de revelar as bandeiras particulares escondidas sob a bandeira mais geral dos partidários de Dreyfus. O apego do descendente de Guermantes à causa de Dreyfus não emana de convicções próprias, mas se confunde com sua excêntrica paixão por Raquel, uma ex-prostituta que se tornará, com a ajuda do próprio Saint-Loup, uma atriz importante; era sua amante que lhe comunicava o gosto da poesia, da música, do teatro, ensinando-lhe que tomar partido de Dreyfus era dar ares de portar inteligência e cultura.

O príncipe de Guermantes, por sua vez, faz figura em seu salão de um antidreyfusista inflexível e não teme mesmo se aproximar do anti-semitismo; Swann diz isso ao herói do romance pouco antes de partirem para a recepção oferecida pelo príncipe. O pai de Gilberte evoca uma anedota dos tempos em que o príncipe era oficial, pela qual ficamos sabendo que, mesmo sofrendo de uma dor de dentes terrível, o príncipe recusou-se a ser atendido pelo único dentista da região, simplesmente porque este era judeu (CG II, p. 348; trad., p. 520). O anti-semitismo do príncipe, de que faz prova essa anedota, remete-nos ao barão de Guermantes, quando este diz a Marcel que não julga Dreyfus um traidor da pátria, uma vez que, sendo judeu, ele jamais poderia ser tomado como um francês (CG I, p. 384; trad., 258). Mas, para espanto de todos os leitores da *Recherche* que esperam, durante a recepção oferecida pelo príncipe, uma áspera

<sup>10</sup> “Na realidade, o amor de Robert pelas Letras não tinha nada de profundo, não emanava de sua verdadeira natureza, não era nada mais que um derivado de seu amor por Raquel, e tinha se apagado com este (...).” (trad., p. 100, modificada)

altercação entre o ultra-católico representante dos Guermantes e um Swann dos mais radicais na defesa de Dreyfus, ficamos sabendo que o príncipe e sua mulher, ocultando isso há muito tempo de seus próximos, não acreditam na culpa de Dreyfus e confessam-se inclinados à sua causa; assim, embora não dêem provas disso publicamente, o casal pede regularmente que sejam rezadas missas em nome do condenado (SG I, p. 182-3; trad., p. 111-2).

#### 6. *No caminho de Swann*

Do lado burguês, as opiniões sobre o caso não encerram menos contradições. O caso divide a própria família do protagonista. Seu pai, um severo antidreyfusista, chega a não falar com seu filho durante oito dias depois de ficar sabendo que ele tinha assinado uma moção revisionista (CG I, p. 230; trad., 136). Mais à frente, numa passagem breve, o protagonista diz que, por conta do *affaire*, chegou a duelar inúmeras vezes “sem nenhum temor” (SG I, p. 71; trad., p. 18).

Amigos desde a escola, o protagonista e Bloch, personagem de origem judia, possuem semelhantes ambições e gostos artísticos, compartilhando, durante certo tempo, as paixões e as descobertas na vida literária e mundana, ainda que, como faz questão de sublinhar o narrador, Bloch dê sempre provas de falta de tato e de polidez em suas relações. Assim, em Balbec, o protagonista reconhece Bloch proferindo palavras contra judeus e tentando seduzir a todo custo Saint-Loup para se fazer introduzir no seio dos Guermantes. Presente mais tarde no salão da marquesa de Villeparisis, a personagem é tomada então como um agente dreyfusista e será praticamente expulsa do salão. Seu interesse pelo caso Dreyfus aparece como uma espécie de falta de tato; eufórico e indiscreto, Bloch não consegue compreender o discurso de Norpois e acredita que o diplomata seria um defensor de Dreyfus (CG I, p. 331; trad., p. 216). No momento mais radical do caso, Bloch recolhe assinaturas para uma lista e chateia-se com a recusa de Swann, de sorte que, confusão das confusões, Swann, tomado como um radical pelos mundanos, aparece como um conservador para os radicais (SG I, p. 187; trad., 115). Mas, quando o esquecimento alcança ambos os lados da disputa, vemos que Bloch tornou-se um escritor da moda, freqüentador assíduo dos salões mais elegantes e, apagando qualquer conotação judia de seu nome, chama-se agora Jacques Rosier (TR, p. 355; trad., p. 197-8).

De origem judia assim como Bloch, a personagem de Charles Swann, que, ao longo da *Recherche*, sempre dá provas de tato, gentileza e mundanismo e que, graças a isso, torna-se

freqüentador dos salões nobres mais elegantes, bem como membro dos círculos mais fechados como a sociedade do Jockey Club, tem seu sucesso social diminuído não só pelo seu casamento com uma cocote, mas também por sua opinião com relação ao caso. Swann, no final de sua vida, defendendo a causa de Dreyfus, segundo o narrador, retorna à mesma ingenuidade de que ele deu provas em sua relação com Odete: ele acredita, assim, que as pessoas são inteligentes se concordam com seu ponto de vista político e que os Guermantes seriam naturalmente contra Dreyfus, porque o anti-semitismo seria uma herança atávica desta família. No auge do caso, esse homem dos mais mundanos e dos mais polidos que o protagonista jamais conheceu pode se comportar de maneira grosseira diante dos elegantes contrários à causa revisionista, não hesitando dizer em voz alta, em meio a jantares no *faubourg* Saint-Germain, se ele via sua mulher sendo apresentada a alguma senhora conservadora: “Mais voyons, Odette, vous êtes folle. Je vous prie de rester tranquille. Ce serait une platitude de votre part de vous faire présenter à des antisémites. Je vous le défends” (SG I, p. 225-6).<sup>11</sup>

Sua esposa, por sua vez, disposta a arregimentar membros para seu salão, ignora as opiniões do marido e dá provas de um ardente nacionalismo, o que lhe garante o reconhecimento da gente mundana, mas não dos Guermantes, como a duquesa ou o marquês de Saint-Loup: “Je ne veux pas que ma mère me présente à Mme Swann, me dit Saint-Loup. C’est une ancienne grue. Son mari est juif et elle nous le fait au nationalisme” (CG I, p. 357).<sup>12</sup> A senhora Verdurin, embora tivesse deixado aflorar um anti-semitismo burguês e latente (CG I, p. 344; trad., 227), toma uma posição contrária à senhora Swann; ela tenta formar um salão, não de gente conservadora, mas de radicais mundanos: o primeiro salão a reunir republicanos, radicais e personagens de origem judia, tais como Picquart, Zola, Reinach, Labori, Clemenceau, o que não promoveu seu sucesso mundano, mas, pelo contrário, impediu sua ascensão durante algum tempo; um salão dreyfusista configurava algo tão impossível, diz o narrador, quanto “um salão de partidários da comuna” (SG I, p. 222; trad., p. 143).

## 7. Esquecimento

<sup>11</sup> “Que é isso, Odette, está louca? Peça-lhe que fique quieta. Seria uma baixeza de sua parte fazer-se apresentar a anti-semitas, eu o proíbo.” (trad., p. 146)

<sup>12</sup> “Não quero que minha mãe me apresente à senhora Swann. É uma antiga prostituta. Seu marido é judeu e ela nos impinge nacionalismo.” (trad., p. 237)

O papel mais difícil desempenhado pelo caso Dreyfus na *Recherche* não se liga nem ao desmascaramento psicológico nem à evocação de uma época em que partidários e opositores de Dreyfus dividiam em lados opostos a sociedade. O papel mais difícil desempenhado pelo caso se liga à consumação da passagem do tempo, ou, mais precisamente, ao esquecimento de que ele será vítima quinze anos depois de sua explosão. Depois de sua vitória política e do passar dos anos, o dreyfusismo e os *dreyfusards* não são mais associados à anarquia, ao antipatriotismo e à irreligião, mas revelam-se “integrados a uma série de coisas respeitáveis e habituais” (TR, p. 93; trad., p. 37). O caso, outrora um objeto de interesse e de paixões ardorosas, encontra-se, no fim, do lado da ignorância e dos erros próprios das coisas do passado: o senhor Bontemps terá sido *dreyfusard*? Quem terá sido partidário de Dreyfus? Quem não o foi, visto que, com a vitória política da causa dreyfusista, todos hoje o são? Assim é que a sociedade aparentemente em plena decomposição pintada pelo narrador, pode aparecer como um “aparelho de cooptação” (CARASSUS, 1971, p. 858). Este gosta de apreciar as novidades, de as rejeitar e desdenhar de início porque elas ferem seu rígido e imutável padrão de gosto; mas, tendo-as assimiladas e neutralizadas pela instauração de um novo hábito mundano, pode absorvê-las sem nenhuma dificuldade. Isso é o que ocorre com o dreyfusismo, com o casamento entre Saint-Loup e Gilberte, mas também com Bloch ou com o protagonista, outrora burgueses estranhos aos Guermantes, mas, por fim, membros íntimos de seus salões. De início, a sociedade pode se assombrar com um casamento que liga um marquês de Guermantes à filha de um judeu e de uma cocote, mas “maintenant qu’on voyait chez les Saint-Loup tous les gens ‘qu’on connaissait’, Gilberte aurait pu avoir les mœurs d’Odette elle-même que, malgré cela, on y serait ‘allé’ et qu’on eût approuvé Gilberte de blâmer comme une douairière des nouveautés morales non assimilées” (TR, p. 94).<sup>13</sup> Podemos concluir que, à semelhança de um organismo digestivo batalhando incansavelmente por sua sobrevivência (lembramos os apelos finais desesperados da princesa de Guermantes, outrora madame Verdurin, o símbolo, por excelência, desse organismo: “Oui, c’est cela, nous ferons clan! nous ferons clan! J’aime cette jeunesse si intelligente, si participante, ah!” [TR, p. 391])<sup>14</sup> — a sociedade mundana pode aparecer, aos olhos do narrador da *Recherche*, como uma instituição de aliciamento, e seus membros como esnobes na áspera batalha da escalada social.

<sup>13</sup> “(...) agora que se encontrava em casa dos Saint-Loup toda gente ‘conhecida’, ainda que Gilberte mantivesse os mesmos antigos hábitos de sua mãe, apesar disso, todos a freqüentariam e lhe aprovariam as censuras de guarda de alfândega às novidades morais ainda não assimiladas” (trad., p. 38, modificada)

<sup>14</sup> “Sim, é isso, nós faremos clã! Nós faremos clã! Eu adoro esta juventude tão inteligente, tão participante, ah!” (trad., p. 239, modificada)

## 8. Conclusões

Não são os nítidos padrões de gosto o que tornaria a gente mundana representada por Proust tão distinta das demais. O comportamento dos mundanos é, na verdade, caracterizado pela conveniência, pelo respeito incondicionado às convenções da sociedade, única regra a governar a vida dessas personagens e que faz com que elas sejam vítimas fáceis do esquecimento, bem como capazes de tremendos atos de frieza. Assim, para que não sejam privados de uma recepção mundana, o duque de Guermantes é obrigado a dissimular a morte de seu primo (CG II, p. 355-6; trad. p. 526), e a duquesa a fazer pouco caso do anúncio da doença de seu amigo Swann (CG II, p. 362; trad., p. 532); da mesma maneira, o falecimento de uma amiga íntima da senhora Verdurin, a princesa Sherbatoff, deve ser ignorado por ela e por seus próximos para que não seja perturbado o clima de uma de suas reuniões sociais (LP, p. 340-1; trad., p. 221). Esse desprezo pela memória de seus próximos denuncia ao narrador-protagonista as injustiças e as crueldades de que a gente mundana é capaz, as regras do comportamento do esnobe.<sup>15</sup> Assim, o narrador, mesmo tão familiarizado com a vida dos de cima, em meio às vicissitudes de seus pensamentos, pode se perguntar vez ou outra, jamais perdendo o ponto de vista dos de baixo, e não se incluindo, então, no próprio festim desses animais maravilhosos que são os esnobes em uma reunião convocada pela senhora Verdurin, mais tarde princesa de Guermantes:

une grande question sociale, de savoir si la paroi de verre protègera toujours le festin des bêtes merveilleuses et si les gens obscurs qui regardent avidement

---

<sup>15</sup> Quando comenta o esnobismo de classe descrito pelo romance de Proust, Adorno não deixa de reconhecer nas atitudes do esnobe — no desprezo para com os de baixo, no apego excessivo pelo que está na moda, na afetação exagerada de gostos, estilos e maneiras próprios de uma alta posição social, no ar de superioridade a sugerir que suas ações se orientam por princípios sublimes e celestiais — uma paixão cega e desvairada pela hierarquia social: “o esnobe sexualiza a sociedade”; ele “apaixona-se pela própria ordem hierárquica da sociedade” e, assim, “transfigura a própria ordem social, à maneira da amada aos olhos do amador, numa imagem de contos de fadas” (1984, p. 148). Somente dessa maneira, por meio de um amor irrestrito à ordem social e de uma entrega sem limites a ela, os esnobes podem se imaginar livres dos entraves de uma sociedade burguesa e pretender que seu comportamento não se guie pela prática generalizada do interesse. Nesse sentido, o esnobismo exibido pelo protagonista da *Recherche*, aparece como um meio de compreender o significado do fenômeno em nossa sociedade. Por meio do comportamento do herói, o pecado do esnobismo aparece como um resto de utopia: se o protagonista idolatra de maneira cega a alta linhagem do clã dos Guermantes e seu caráter ancestral é porque reconhece neste grupo seu sonho de uma sociedade livre dos constrangimentos do dinheiro e do interesse. Mas, se o protagonista pode se entregar aos pecados do esnobismo, o narrador não pode deixar de mostrar os aspectos farsescos deste comportamento.



dans la nuit ne viendront pas les cueillir dans leur aquarium et les manger (JF II, p. 51).<sup>16</sup>

O caso Dreyfus, como já se disse, realiza uma revolução nessa sociedade: ele a faz girar como um “caleidoscópio social”, acelerando ou retardando a ascensão dos alpinistas sociais. Note-se, porém, que outro evento social, a exemplo de “uma guerra com a Alemanha” (JF I, p. 185; trad., p. 84), poderia também produzir efeito idêntico. Com essa imagem do caleidoscópio social, ora girando num sentido, ora girando em outro, o narrador parece sugerir, que, embora essa sociedade seja perturbada e agitada por grandes movimentos em seu interior, ela jamais parece sofrer uma radical mudança em sua base. Nesse sentido, o narrador pode se assustar com o reencontro, no fim do romance, das mesmas palavras e dos mesmos diálogos de fundo conservador que ele escutava nos salões de outrora, mas agora pronunciados pelos radicais do passado (TR, p. 97; trad., p. 42). Essas conversas de salão vão aparecer como uma espécie de registro histórico dos gostos, das modas e das inclinações de uma sociedade fechada:

Dans une certaine mesure, les manifestations mondaines – fort inférieures aux mouvements artistiques, aux crises politiques, à l'évolution qui porte le goût public vers le théâtre d'idées, puis vers la peinture impressionniste, puis vers la musique allemande et complexe, puis vers la musique russe et simple, ou vers les idées sociales, les idées de justice, la réaction religieuse, le sursaut patriotique – en sont cependant le reflet lointain, brisé, incertain, trouble, changeant. De sorte que même les salons ne peuvent être dépeints dans une immobilité statique qui a pu convenir jusqu'ici à l'étude des caractères, lesquels devront, eux aussi, être comme entraînés dans un mouvement quasi historique. (SG I, p. 220)<sup>17</sup>

Assim, nem os salões nem as pessoas devem ser descritos como se tivessem um caráter perene, mas devem ser compreendidos no interior de um movimento quase-histórico — e se o narrador não nos explica muito sobre esse movimento quase-histórico, podemos pensar certamente que ele aqui faz referência a uma estrutura social, a algo que estaria na base da organização de nossa sociedade.<sup>18</sup> Enfim, e seja qual for a interpretação que dermos para a

<sup>16</sup> “(...) uma grande questão social, saber se a parede de vidro protegerá para sempre o festim dos animais maravilhosos e se a gente obscura que olha avidamente de dentro da noite não virá colhê-los em seu aquário e devorá-los”. (trad., p. 229)

<sup>17</sup> “Em certa medida, as manifestações mundanas (muito inferiores aos movimentos artísticos, às crises políticas, à evolução que leva o gosto público para o teatro de idéias, depois para a pintura impressionista, depois para a música alemã e complexa, depois para a música russa e simples, ou para as idéias sociais, para as idéias de justiça, para a reação religiosa, para a exaltação patriótica) são no entanto seu reflexo longínquo, quebrado, indeciso, turvo, mutável. De sorte que nem mesmo os salões podem ser pintados numa imobilidade estática que até agora pode convir ao estudo dos caracteres, os quais deverão, eles também, ser como que arrastados num movimento quase histórico.” (trad. p. 141)

<sup>18</sup> Pode-se indagar: o romance de Proust, por uma dessas intuições tão caras à expressão artística, prefigura uma sociedade em ritmo avançado de desagregação, na qual o arrivismo, transformado numa ânsia desesperada pela

sociedade representada na *Recherche*, não podemos deixar de reconhecer que, aos olhos do narrador proustiano, mesmo as tiradas mais espirituosas da duquesa de Guermantes vão aparecer como um reflexo de tendências sociais mais profundas, forças de que Oriane, em seu desejo de brilhar no salão, só poderia ignorar a existência.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Paulo. Sofística da assimilação. **Praga**, São Paulo, no. 8, p. 75-100, 1999.
- BOUILLAGUET, Annick. Marcel Proust devant l’Affaire Dreyfus. **Bulletin Marcel Proust**, no. 48, p. 30-41, 1998.
- BOUILLAGUET, Annick. **Proust lecteur de Balzac et de Flaubert**. Paris: Honoré Champion, 2000.
- CANDIDO, Antonio. Realidade e realismo (via Marcel Proust). **Recortes**. São Paulo: Cia das Letras, 2001, p. 126-135.
- CARASSUS, Emilien. L’Affaire Dreyfus et l’espace romanesque. **Revue d’Histoire Littéraire de la France**, Paris, no. 5-6, p. 842-860, 1971.
- HASSINE, Juliette. “L’Écriture de l’affaire Dreyfus dans l’oeuvre de Proust”. In: **Les intellectuels face à l’affaire Dreyfus alors et aujourd’hui**. Actes du colloque de l’Université Bar-Ilan, Israël, 13-15 décembre 1994. Paris, Montréal: l’Harmattan, 1998, p. 243-257.
- PROUST, Marcel. **À l’ombre de jeunes filles en fleurs I**. Édition réalisée sous la direction de Jean Milly. Édition du texte par Danièle Gasiglia-Laster. Paris: Flammarion, 1987.
- PROUST, Marcel. **À l’ombre de jeunes filles en fleurs II**. Édition réalisée sous la direction de Jean Milly. Édition du texte par Danièle Gasiglia-Laster. Paris: Flammarion, 1987.
- PROUST, Marcel. **À sombra das raparigas em flor**. Tradução de Mário Quintana. 14ª ed., rev. São Paulo: Globo, 1999.
- PROUST, Marcel. **La Prisonnière**. Édition du texte par Jean Milly. 3ª ed. revue et mise à jour. Paris: Flammarion, 1984.
- PROUST, Marcel. **Le Côte de Guermantes I**. Édition réalisée sous la direction de Jean Milly. Édition du texte par Elyane Dezon-Jones. Paris: Flammarion, 1987.

---

inclusão, torna-se uma regra geral de convivência? É o que afirma o filósofo Paulo Arantes quando supõe que o esnobismo das classes ociosas representadas por Proust parece se encontrar redivivo no mundo contemporâneo (1999, p. 99); as pretensões de esnobes como a senhora Verdurin de se verem livres de qualquer suspeita de interesse econômico em seu comportamento, essas pretensões teriam sido renovadas pelas promessas, pelas ilusões e pelo estilo de vida — ou, como o autor chama, pela “sofística da assimilação” — que hoje a indústria cultural propagandeia, por meio de jornais, revistas e televisões.

- 
- PROUST, Marcel. **Le Côte de Guermantes II**. Édition réalisée sous la direction de Jean Milly. Édition du texte par Elyane Dezon-Jones. Paris: Flammarion, 1987.
- PROUST, Marcel. **Le Temps retrouvé**. Édition réalisée sous la direction de Jean Milly. Édition du texte par Bernard Brun. Paris: Flammarion, 1986.
- PROUST, Marcel. **O Caminho de Guermantes**. Tradução Mário Quintana. 12a ed., rev. São Paulo: Globo, 2000.
- PROUST, Marcel. **O Tempo redescoberto**. Tradução de Lúcia Miguel Pereira. 14ª ed. rev. São Paulo: Globo, 2001.
- PROUST, Marcel. **Sodoma e Gomorra**. Tradução de Mário Quintana. 15ª ed. rev. São Paulo: Globo, 2001.
- PROUST, Marcel. **Sodome et Gomorrhe I**. Édition réalisée sous la direction de Jean Milly. Édition du texte par Emily Eells-Ogée. Paris: Flammarion, 1987.
- TADIÉ, Jean-Yves. **Proust et le roman**: essai sur les formes et techniques du roman dans *A la recherche du temps perdu*. France: Gallimard, 1971.